

# É PELA BELEZA QUE SE VAI À LIBERDADE: O POTENCIAL LIBERTADOR DO ESTADO DE DETERMINABILIDADE DA MENTE NA EDUCAÇÃO ESTÉTICA DE SCHILLER

Anna Clara Carvalho<sup>3</sup>

**Resumo:** O problema que será apresentado aqui diz respeito à liberdade, mais precisamente, como a educação estética proposta por Schiller é capaz de libertar. O filósofo alemão encontrou na beleza a solução para os problemas morais que circundavam a modernidade, acreditando que eventos como a Revolução Francesa eram a prova de que os indivíduos não eram livres para agir, pois eles eram determinados por seus impulsos sensíveis ou racionais. A ética só se estabeleceria no momento em que o ser humano fosse livre e, para atingir essa liberdade, ele precisaria atingir seu estado de determinabilidade, isto é, um estado livre de todas e quaisquer determinações, um estado de equilíbrio dos impulsos, isento de coerções morais ou físicas. Na beleza, mais precisamente na educação estética, Schiller encontrou a “arma” para combater esse mal, pois, segundo ele, as belas-artes eram a única ferramenta capaz de proporcionar o estado de determinabilidade ao ser humano, o qual se equivale ao estado estético. O que se pretende aqui é demonstrar como as belas-artes remetem o ser humano ao estado estético e lhe permite a plena liberdade. Para tal, buscou-se analisar o texto *A educação estética do homem: numa série de cartas* de Schiller, recorrendo também a alguns de seus comentadores, para auxiliar na compreensão do texto principal.

**Palavras-chave:** Educação Estética. Beleza. Determinabilidade. Liberdade. Schiller.

**Abstract:** The problem that will be presented here concerns freedom, more precisely, as the aesthetic education proposed by Schiller frees. The german philosopher found in beauty the solution to the moral problems surrounding modernity, he believed that events like the French Revolution were proof that individuals were not free to act, as they were determined by their sensible or rational impulses. Ethics would only be established when the human being was free, and, to achieve this freedom, he would need to reach his state of determinability, that is, a state free of any and all determinations, a state of balance of impulses, free from moral or physical restrictions. In beauty, more precisely in aesthetic education, he found the “weapon” to fight

---

<sup>3</sup>. Graduanda em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: [claracarvalho1311@gmail.com](mailto:claracarvalho1311@gmail.com)

this evil, because, according to him, the fine arts were the only tool capable of providing the state of determinability to human beings, which is equivalent to the aesthetic state. What is intended here is to demonstrate how the fine arts consign human beings to the aesthetic state and allow them full freedom. To this end, we sought to analyze the text *The aesthetic education of man: in a series of letters*, by Schiller, also resorting to some of its commentators, to help in the understanding of the main text.

**Keywords:** Aesthetic Education. Beauty. Determinability. Freedom. Schiller.

## Introdução

É preciso esclarecer o que aqui se entende por educação estética. Fazendo uma síntese do que se encontra no *Dicionário de Estética* e no *Vocabulaire d'esthétique*, sobre o que é este tipo específico de educação, conclui-se que, a grosso modo, trata-se de uma educação do gosto, mas não só. Essa educação diz respeito à “função que os componentes estéticos desempenham na aprendizagem e na formação global do indivíduo” (CARCHIA; D’ÂNGELO, 2009, p. 101), ou seja, diz respeito ao efeito que a experiência estética – sendo esta a experiência com o mundo sensível através dos cinco sentidos – causa no ser humano. Por mais que muitos filósofos tenham tido como objeto de estudo essa educação, é no mínimo muito difícil, senão impossível, falar de educação estética sem tratar do que Schiller pensou por ela. Na concepção schilleriana, segundo Denys Riout, o que se entende pela educação da qual estamos tratando é que ela: “constitui uma forma de superar as tensões que não deixam de se estabelecer entre os apelos dos maus instintos e as sugestões da razão” (RIOUT, 2010, p. 667-668)<sup>4</sup>. Sendo assim, ela é a única ferramenta capaz de minimizar o conflito interno que todos os seres humanos têm entre razão e sensibilidade, como o próprio Schiller fala: a educação estética “distende” suas tensões. Riout indica que ela “abre o caminho da liberdade à uma humanidade que finalmente se tornou mais harmoniosa e para a qual os sentidos e o espírito estão próximos da reconciliação” (RIOUT, 2010, p. 668). É justamente dessa liberdade que este artigo irá tratar. Será apresentada uma investigação a partir do texto *A educação estética do homem: numa série de cartas* acerca de como Schiller acredita que a educação estética liberta o ser humano e do que ele entende por liberdade.

---

<sup>4</sup> Tradução Livre.

Faz-se uma breve contextualização sobre o momento em que Schiller escreveu essas cartas para o seu mecenas, Augustenburg, que vieram a se tornar publicações no jornal *Die Horen* e, por fim, em 1795, se transformaram no livro *A educação estética do homem: numa série de cartas*. O filósofo alemão se encontrava desgostoso com o momento histórico em que vivia: a Revolução Francesa. Estava claro para ele que a modernidade vivia um crítico momento moral, o que terminou por gerar os conflitos políticos de onde nasceu a Revolução. Ele entendia que a motivação da Revolução era legítima, mas o modo como ela se deu, extremamente violenta, o fez desacreditar na humanidade. A violência desse movimento o assustara de tal maneira que o fizera aprofundar seus estudos na filosofia com a intenção de compreender a causa daquele efeito, além de buscar uma solução para o problema colocado. Então, decidiu dar início à uma investigação antropológica – tomando-se aqui esse termo como uma análise da natureza do ser humano e da sua conjuntura social –, a fim de entender como, no “Século das Luzes”, a Europa se afundava em tamanha escuridão. Em seu *Discurso filosófico da modernidade*, Habermas diz que Schiller produziu “o primeiro escrito programático para uma crítica estética da modernidade” (HABERMAS, 2000, p. 65), isso porque, embora ele acreditasse que o problema era moral, uma vez que as ações truculentas tomadas pelos seres humanos na Revolução não condiziam com os ideais morais propostos pela *Aufklärung* – tampouco eram livres –, ao começar as investigações, ele percebeu que a solução era estética. Ele diz, numa das suas *Cartas a Augustenburg*, que “não nos falta tanta *luz* quanto *calor*, tanta cultura filosófica quanto estética” (SCHILLER, 2014, p. 79-80, grifo do original), portanto seus estudos foram feitos com base na beleza. E, como a causa se mostrou a falta de liberdade, a solução lhe pareceu ser exatamente essa: libertar o ser humano.

### **Método de investigação**

O método de investigação tomado pelo autor era uma análise transcendental da estrutura da subjetividade humana. Melhor dizendo, analisava-se as condições de possibilidade do belo na experiência a partir da natureza do ser humano. Isso se mostrou necessário porque os exemplos físicos do gosto e da cultura no domínio da sociedade eram desanimadores, posto que divergiam da liberdade. Schiller discorre, na carta X do livro, sobre vários exemplos de sociedades nas quais “florescem as artes e reina o gosto” (SCHILLER, 2017, p. 53) e, mesmo assim, se deram por decaídas, em ruínas. Exemplos estes, que eram usados como argumentos por pessoas que alegavam ser um grande erro estabelecer a bela cultura, e, por isso, queriam

“vedar às artes da imaginação o acesso à República” (SCHILLER, 2017, p. 51) – referência que o autor faz à Platão. Sendo assim, ele pensou que a beleza era malvista porque não era da verdadeira beleza que se tratava, pois a beleza no mundo sensível é determinada, e assim, tão imperfeita quanto o mundo que a cerca, portanto, era necessário analisar a beleza Ideal, em seu mais puro sentido, livre de quaisquer determinações. Para fazer essa análise, seria necessário “mergulhar” na metafísica, fazer um trabalho de abstração, a fim de ver no próprio indivíduo o que o condiciona ao belo, o que faz com que a beleza o toque. Na mesma carta, ele diz:

É possível, contudo, que a *experiência* não seja o tribunal frente ao qual se deva resolver esta questão, e antes de aceitarmos seu testemunho devemos decidir se é a mesma beleza a de que falamos e aquela contra a qual se dirigem os exemplos. Isso parece supor um conceito da beleza que tem outra fonte que a experiência, porque através dele deve ser conhecido se aquilo que se chama belo na experiência tem direito a esse nome. (SCHILLER, 2017, p. 54, grifo do original)

Fica claro, nesta afirmação do autor, que o único caminho de encontrar os verdadeiros efeitos da beleza é via abstração, pois não só ela está abalada no mundo sensível devido às determinações que sofre, como também o próprio ser humano que foi conduzido por ela. A mente deste no mundo físico se encontra em estado de determinação, impedindo, assim, que ele desfrute de uma experiência estética pura, o que provoca reações inadequadas quando em contato com o belo. Schiller, em determinado momento, provoca: “quem não se atrever para além da realidade nunca irá conquistar a verdade” (SCHILLER, 2017, p. 54).

### **Natureza mista**

A partir desta análise transcendental da estrutura da subjetividade humana, ele encontra, na natureza dos indivíduos, uma natureza *mista*. Essa natureza mista é formada por dois conceitos, ou seja, duas leis: uma que permanece e uma que se modifica, a saber, *pessoa* e *estado*, respectivamente. Não é nossa proposta nos aprofundarmos nesses dois conceitos, bastando deixar claro que ambos indicam tendências, as quais Schiller chama de “impulsos”, sendo estes: impulso sensível e impulso formal. O impulso sensível, como o próprio nome sugere, é regido pelas sensações, pela natureza; enquanto o impulso formal, com o nome igualmente sugestivo, é regido pela forma, racionalidade. Esses dois impulsos são hostis uns aos outros e, pela falta de educação estética, um deles sempre prevalece, causando desarmonia, desequilíbrio. No entanto, a beleza é a ponte que os une, ela é a única ferramenta capaz de harmonizá-los e equilibrá-los, e isso se dá através da formação de um terceiro impulso, que é a associação dos dois primeiros, esse chama-se *impulso lúdico*.

O impulso lúdico, portanto, no qual ambas [faculdades da mente] atuam juntas, tornará contingentes tanto nossa índole formal quanto a material, tanto nossa perfeição quanto nossa felicidade; justamente porque torna ambas contingentes, e porque a contingência também desaparece com a necessidade, ele suprime a contingência das duas, levando forma à matéria, e matéria à forma. Na mesma medida em que toma às sensações e aos afetos a influência dinâmica, ele os harmoniza com as ideias da razão, e na medida em que despe as leis da razão de seu constrangimento moral, ele as compatibiliza com o interesse dos sentidos (SCHILLER, 2017, p. 70)

O objeto do impulso sensível é chamado de *vida* por Schiller, tomando-o como significado de “todo o ser material e toda a presença imediata nos sentidos” (SCHILLER, 2017, p. 73), sendo assim, trata-se do mundo real ou, em outros termos, do mundo sensível. Já o objeto do impulso formal é chamado de *forma* pelo autor e, como o próprio nome indica, é um “conceito que compreende todas as disposições formais dos objetos e todas as suas relações com as faculdades de pensamento” (SCHILLER, 2017, p. 73). O objeto do impulso lúdico chama-se, por sua vez, *forma viva*, e se vale de “um conceito que serve para designar todas as qualidades estéticas dos fenômenos, tudo o que em resumo entendemos no sentido mais amplo por *beleza*” (SCHILLER, 2017, p. 73, grifo do original). Com base nessa afirmação de Schiller, pode-se concluir que a forma viva nada mais é do que a beleza, mas não a beleza da experiência, a beleza Ideal.

O impulso lúdico age através do jogo, servindo para intermediar a natureza e a moral, para que, assim, ambos exerçam sua maior potência e que seus benefícios sejam usufruídos em totalidade pelo ser humano. Jogar, na concepção schilleriana, se trata de trabalhar simultaneamente com nossa natureza mista, a sua atividade consiste em desempenhar um “meio-termo” entre as reivindicações feitas pelo sentimento e pelo pensamento. O jogo se estabelece a partir do contato do espectador com a obra de arte bela, ou seja, pura, reconhece então a natureza mista do ser humano e não a nega, pelo contrário, a contempla. Sendo assim, ele age suspendendo a coerção unilateral dos dois primeiros impulsos, não os permitindo, desse modo, provocar determinação na mente do indivíduo. Ele, por constranger mutuamente ambos os impulsos, não constrange nenhum dos dois, destrói a imposição de ambos e proporciona, assim, o equilíbrio, “*somente* ele que o torna completo e desdobra de uma só vez sua natureza dupla” (SCHILLER, 2017, p. 75, grifo do original). Schiller, em defesa do jogo, garante que é *ele* quem sustenta “o edifício inteiro da arte estética e da bem mais dificultosa arte de viver” (SCHILLER, 2017, p. 76). Ele torna a natureza humana completa, pois, como o próprio autor diz, “o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, *e somente é homem pleno quando joga.*” (SCHILLER, 2017, p. 76, grifo do original). Se, portanto, é o jogo que reconstitui a natureza humana e a única coisa capaz de provocar o jogo é a obra de arte bem

executada, então, pode-se dizer, em uma palavra, que a beleza é a única ferramenta capaz de tornar o ser humano completo, visto que é a responsável pela reconstituição da sua natureza.

### **Os dois estados da mente: determinabilidade e determinação**

Já está estabelecido que é a beleza quem *humaniza* o ser humano, mas como essa “humanização” acontece? É preciso primeiro explicar dois conceitos imprescindíveis para responder essa questão: o que é determinabilidade e determinação. Determinabilidade é o estado da mente humana antes de ser afetada por qualquer determinação, é a condição de receber impressões dos sentidos. Nela, o ser humano é “zero”, ou seja, possibilidade de ser determinado. É aquela na qual a capacidade humana é condição da imaginação, esta ainda é um “infinito vazio”, e essa infinitude vazia é o estado de ausência de determinações. Determinação é a consequência desse estado, é o estado da mente onde o espírito humano é afetado pelos sentidos, portanto, é a condição da realidade – esta, surge quando saímos da infinitude vazia e passamos para a finitude de espaço e tempo. Quando pensamos, excluimos a infinitude mencionada acima, suprimimos a liberdade da determinabilidade e dividimos o tempo, passando, então, a trabalhar com determinações, com coisas que nos determinam.

Dito isso, agora cabe explicar o efeito de ambos os estados. No estado de determinação, o ser humano encontra-se determinado pelas impressões da experiência sensível, o que para Schiller é problemático. Ele acredita que toda e qualquer determinação é negativa, pois ela aprisiona o ser humano, o priva de exercer sua natureza plenamente, que é mista. É uma questão antropológica, inerente ao ser humano, pois faz parte do seu espírito, da sua essência: privá-lo de exercer uma de suas faculdades é forçá-lo a negar sua própria natureza, independentemente de qual impulso esteja sendo suprimido, natural ou formal. Quando o impulso regente do indivíduo é o natural, o autor caracteriza esse indivíduo como selvagem e, quando o contrário, sendo o impulso formal regente, ele o caracteriza como bárbaro. Se o indivíduo for caracterizado com algum desses dois adjetivos, ele não pode ser considerado ser humano pleno, pois a maior premissa para a humanidade é a capacidade de pensar e sentir simultaneamente.

O que o faz homem, porém, é justamente não se bastar com o que dele a natureza fez, mas ser capaz de refazer regressivamente com a razão os passos que ela antecipou nele, de transformar a obra da privação em obra de sua livre escolha e de elevar a necessidade física à necessidade moral. (SCHILLER, 2017, p. 25)

## **Potencial libertador do estado de determinabilidade**

Esclarecidos os efeitos do estado de determinação, apresentarei os efeitos do estado de determinabilidade. Como colocado anteriormente, ele é uma infinitude vazia, “não há nada de posto nem de excluído”. Nesse estado da mente, o indivíduo se encontra livre de quaisquer determinações, ele existe enquanto possibilidade de ser. Ele, Schiller acredita ser benéfico, pois não põe em risco a natureza mista do ser humano, visto que suas duas disposições não se suprimem. Por não o privar de desfrutar do todo de suas faculdades e, conseqüentemente, proporcionar ao indivíduo o exercício pleno de sua humanidade, o autor afirma que no estado de determinabilidade – e somente nele –, o ser humano é livre, “Pois tão logo os dois impulsos fundamentais e opostos ajam nesse [indivíduo], perdem ambos seu constrangimento, a oposição de suas necessidades dá origem à *liberdade*” (SCHILLER, 2017, p. 95, grifo do original).

Explicados esses dois conceitos, chega-se aqui ao ponto principal dessa argumentação: a liberdade. Ficou estabelecido, pela indicação do filósofo alemão, que o estado de determinabilidade é o estado da liberdade, só nele o ser humano conseguiria se libertar. No entanto, assim que se é inserido no mundo sensível, ou seja, assim que se nasce, passa-se a receber, através da sensibilidade, determinações das mais variadas formas, vindas dos mais variados lugares, sob as quais cada experiência deixa marcas, impressões. Se o ser humano vive nesse mundo, e obviamente não sendo possível retornar ao momento do seu nascimento (que antecede as determinações), tem-se que encontrar no mundo sensível algo capaz de tocar a sua sensibilidade e de não provocar um estado de determinação, mas sim de determinabilidade. Agora, se se fizer uma ligação entre o que está sendo dito acerca do estado de determinabilidade e o que foi dito anteriormente sobre a beleza, deduzimos que, se é a beleza quem possibilita a reconstrução da humanidade, e é nesse estado que o ser humano encontra sua plena natureza humana, a beleza conduz o indivíduo ao estado de determinabilidade.

## **Beleza como condição de possibilidade da liberdade**

As belas-artes, sejam elas quaisquer manifestações, quando bem executadas – e agora explicarei esse termo –, proporcionam ao indivíduo a determinabilidade, mesmo ele estando inserido no mundo real e seja, por isso, determinado. Como Schiller nega o “protagonismo” dos impulsos e a intenção de direcionar a mente a algo, pois direcionar seria, nesse sentido, “aprisionar”, ele acredita que a obra de arte não deve ter como fim a influência. Deste modo,

ele diz que a obra de arte “bem executada” é uma obra de arte autêntica, sem qualquer fim, sem qualquer intenção, uma obra, portanto, livre. Para ele, se uma obra tem algum objetivo a cumprir, ela será produzida pensada para tal, então ela mesma não vai ser livre. Se a própria obra não é livre, como ela vai libertar? Se o artista produziu a obra com a mente “tensionada” por um impulso, como ele seria capaz de proporcionar uma experiência isenta de tensão? As belas-artes, em suas mais diversas representações, devem ser executadas de forma livre, por pessoas livres, com espíritos livres, para possibilitar a liberdade dos que as apreciarem.

Existe uma bela arte da paixão; mas uma bela arte apaixonada é uma contradição, pois o efeito incontornável da beleza é a liberdade das paixões. Não menos contraditório é o conceito de bela arte como ensinamento (didática) ou corregedora (moral), pois nada é tão oposto ao conceito da beleza quanto dar à mente uma determinada tendência. [...] Seu interesse é simplesmente ou físico ou moral; somente não é o que deve ser: estético. (SCHILLER, 2017, p. 108)

É importante ressaltar que, como o mundo sensível é repleto de imperfeições e o ser humano é “bombardeado” por determinações a todo instante, é impossível estabelecer uma experiência puramente estética, pois a beleza Ideal nunca será alcançada no mundo real. Mas o próprio autor adverte:

De modo algum ela nega na realidade o conceito que dela fizemos na especulação; somente sua liberdade é bem menor do que lá onde podemos aplicá-la ao conceito puro da humanidade. O homem, como a experiência o apresenta, é para ela um material já corrompido e refratário, que lhe tira tanta perfeição *ideal* quanto acrescenta de sua constituição *individual*. Na realidade, portanto, ela pode apenas mostrar-se como espécie particular e limitada, nunca como gênero puro; nas mentes tensas ela perderá algo de sua liberdade e multiplicidade, nas distendidas algo de sua força vivificante; nós, entretanto, que agora lhe conhecemos o verdadeiro caráter, não seremos enganados pela sua aparência contraditória. Longe de estabelecer seu conceito a partir de experiências isoladas, como o faz a massa dos que julgam, e de responsabilizá-la pelos defeitos que sob sua influência o homem apresenta, nós sabemos que é o homem que transfere para ela as imperfeições de seu indivíduo; é ele quem, por sua limitação subjetiva, lhe obstrui ininterruptamente o caminho da perfeição e reduz seu Ideal absoluto a duas formas limitadas de manifestação. (SCHILLER, 2017, p. 83-84, grifo do original)

Nesse sentido, o que atribui à “pureza estética” que uma obra possui ou não é o quão ela se aproxima ou se afasta do ideal de beleza. Uma obra pura esteticamente é uma obra indeterminada que, em seu processo de construção, surge de uma mente livre, em termos kantianos, uma obra *desinteressada*. A obra deve aprazer somente pela aparência, nada mais. Se o juízo de gosto que o indivíduo faz sobre ela for motivado por alguma coisa além da mera aparência, a experiência tem qualquer natureza, menos estética. Assim, a obra verdadeiramente bela, por mais que não provoque completamente a liberdade de determinações, ao menos liberta

o máximo possível. O contrário é a obra impura, uma obra que caminha pelo sentido oposto do Ideal, uma obra interessada, apaixonada, intencionada.

Numa obra de arte verdadeiramente bela o conteúdo nada deve fazer, a forma tudo; é somente pela forma que se atua sobre o todo do homem, ao passo que o conteúdo atua apenas sobre forças particulares. O conteúdo, por sublime e amplo que seja, atua sempre como limitação sobre o espírito, e somente da forma pode-se esperar verdadeira liberdade estética. (SCHILLER, 2017, p. 107)

Agora que foi explicado como a beleza proporciona a liberdade, permitindo ao ser humano a passagem para o estado de determinabilidade da mente, pode-se concluir que esse estado se equivale ao estado estético. O estado estético é, por excelência, o estado da mente no qual as duas faculdades são harmonizadas, recuperando-se a natureza humana. À vista disso, entende-se a necessidade da educação estética para todos os seres humanos, pois só ela pode, através da coerção mútua entre os impulsos, deixar livre a vontade. Ela, pelo seu potencial libertador, contempla toda a natureza do indivíduo e devolve-lhe o que lhe foi perdido logo após o seu nascimento, possibilitando-lhe liberdade e felicidade. Schiller diz sobre a educação estética:

Existe, assim, uma educação para a saúde, uma educação do pensamento, uma educação para a moralidade, uma educação para o gosto e a beleza. Esta tem por fim desenvolver em máxima harmonia o todo de nossas faculdades sensíveis e espirituais. Para contrariar a corriqueira sedução de um falso gosto, fortalecido também por falsos raciocínios segundo os quais o conceito do estético comporta o do arbitrário, observo ainda uma vez (embora estas cartas sobre a educação estética de nada mais se ocupem além da refutação deste erro) que a mente no estado estético, embora livre, e livre no mais alto grau, de qualquer coerção, de modo algum age livre de leis; e acrescento que a liberdade estética se distingue da necessidade lógica no pensamento e da necessidade moral no querer, apenas pelo fato de que as leis segundo as quais a mente procede ali *não são representadas* e, como não encontram resistência, não aparecem como constrangimento. (SCHILLER, 2017, p. 99, grifo do original)

### **Importância da sensibilidade para Schiller**

Muito se fala da sensibilidade de forma pejorativa. Na concepção schilleriana, no entanto, a razão também é vista como um fator de risco para a liberdade do ser humano. O filósofo alemão adverte que a razão, quando imposta diretamente à natureza, ao invés de tornar o indivíduo livre, só perpetua sua prisão. Ela o coloca no campo das ideias, ignorando a matéria da qual ele é feito e o ambiente onde ele vive, nega sua natureza, o espaço e o tempo em que ele está situado. A razão só deve se pôr à frente do ser humano quando ele já tiver passado pelo

estado estético, portanto, quando ele já for livre. Quando ela se põe sobre o ser humano “despreparado”, ou seja, em seu estado físico:

Por ser apenas proibitiva e contrariar o interesse do amor-próprio sensível, ela parecerá ao homem algo de exterior enquanto ele não reconhecer o exterior no amor-próprio e a voz da razão como sendo seu verdadeiro eu. Sente, pois somente as correntes que esta última lhe impõe, e não a libertação infinita que lhe proporciona. (SCHILLER, 2017, p. 117)

Schiller acredita que é possível uma liberdade sem excluir as paixões, aliás, para ele, os sentimentos são fundamentais para libertar o ser humano. Ele explica que este “começa” na sensibilidade, pois nasce atuando somente através da natureza, e, com o tempo, desenvolve a racionalidade, conhecendo a “forma”. Todas as suas impressões se dão pelos sentidos, o próprio contato com a obra de arte se dá via sensações: visão e audição (no século XVIII, esses ainda eram os únicos sentidos pensados para se ter uma experiência estética). Quando ele pensa que “o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração” (SCHILLER, 2017, p. 46), é porque ele acredita que só se faz o que a cabeça pensa quando simultaneamente está-se fazendo o que o coração deseja.

Sabemos que ele começa pela mera vida para terminar na forma; que é primeiramente indivíduo e depois pessoa; que caminha das limitações à infinitude. O impulso sensível, portanto, precede o racional na atuação, pois a sensação precede a consciência, e nesta prioridade do impulso sensível encontramos a chave de toda a história da liberdade humana. (SCHILLER, 2017, p. 97)

Porém, mesmo a natureza precedendo o ser humano, como acabou de ser dito, a razão também é parte natural do ser humano, a consciência faz parte de sua natureza, que é mista. Portanto, deve haver essa harmonização entre esses dois impulsos, pois ambos formam o ser humano e enquanto ele não aceitar essa multiplicidade, ele negará a si mesmo.

O homem, ao menos quanto à tendência última, é um ser sensível com a única diferença de que no primeiro caso é um animal irracional, enquanto no segundo é um animal racional. Ele não deve, entretanto, ser nenhum dos dois: deve ser homem; a natureza não deve dominá-lo de maneira exclusiva, nem a razão deve dominá-lo condicionalmente. As duas legislações devem existir com plena independência, e ainda assim perfeitamente unidas. (SCHILLER, 2017, p. 117-118)

Vale advertir, no entanto, que a sensibilidade que Schiller defende não é uma sensibilidade qualquer, se trata de uma sensibilidade estética. Esta sensibilidade só é possível no ser humano cultivado, e cultivar nesse sentido quer dizer educar esteticamente. Quando o ser humano é cultivado, seus sentimentos lhe são muito favoráveis, pois os dá vontade de agir

moralmente. Como já dito, e aqui reforça-se, o ser humano não age porque se sente coagido, pois de fato não o é, mas, justamente, por provar da liberdade em seu mais alto grau, deixa de ver a boa ação como um dever, enxergando-a também como um desejo. Quem provoca essa sensibilidade estética são os objetos artísticos, considerando estes objetos artísticos autênticos. A obra de arte que possui pureza estética é a única ferramenta capaz de transformar a sensibilidade rude em sensibilidade estética, é a única coisa capaz de educar suas paixões e, por isso, harmonizá-las com o pensamento.

### **Considerações finais**

Contudo, para que não haja confusão, é preciso atentar para o fato de que a beleza não “transforma” o indivíduo em nada, ela não aprimora nem seu sentimento nem sua razão. O que a beleza faz, no entanto, é devolver a ele a liberdade de escolher como agir, principalmente através da natureza. Nas palavras do autor, ela “não fornece” nada ao indivíduo, nem na matéria de sentir nem na de pensar, apenas possibilita sua liberdade, para que ele decida como agir a partir dela. O ser humano sensível vive preso, passivo da natureza, é um “escravo dos sentidos”. A beleza não o torna melhor, mas lhe tornando livre, lhe devolvendo a pureza, ela o dá a escolha de ser um bom indivíduo e desejar as leis até mesmo através dos sentimentos. Em suma: ela insere a verdade no interior do indivíduo sensível e é a partir daí que ele se torna excelentemente livre. No entanto, mesmo que a educação estética não consiga transformar o ser humano em nada diretamente, a liberdade que ela proporciona é capaz de tirá-lo da coerção das determinações, dando-lhe infinitas possibilidades de ação. Então, de certa forma, ela indireta ou diretamente tem capacidade de transformá-lo por inteiro e melhorá-lo, completá-lo e torná-lo o mais próximo do Ideal possível.

Não é, portanto, mera, licença poética, mas também um acerto filosófico, chamarmos a beleza nossa segunda criadora. Pois embora apenas torne possível a humanidade, deixando à nossa vontade livre o quanto queremos realizá-la, a beleza tem em comum com nossa criadora original, a natureza, o fato de que não nos concede nada mais senão a capacidade para a humanidade, deixando o uso da mesma depender da determinação da nossa própria vontade. (SCHILLER, 2017, p. 102-103)

Por fim, a necessidade da educação estética se mostra imprescindível na tarefa de libertar o ser humano, diante da sua capacidade única de devolver ao indivíduo o estado da mente que só lhe foi contemplado antes de seu nascimento: o estado de determinabilidade. O jogo que a beleza ocasiona é capaz de proporcionar uma “revolução total em toda sua maneira

de sentir” (SCHILLER, 2017, p. 129) e, a partir dessa revolução, ele pode experimentar sua verdadeira humanidade, suas várias capacidades de ser e existir, ele finalmente prova de sua liberdade.

Só a beleza faz feliz todo mundo; e todos os seres experimentam sua magia e todos esquecem a limitação própria. Na medida em que o gosto reina e o reino da bela aparência se amplia, impedem-se quaisquer privilégios ou mesmo domínios exclusivos. [...] O gosto conduz conhecimento para fora dos mistérios da ciência e o traz para céu aberto do senso comum, transformando a propriedade das escolas em bem comum de toda a sociedade humana. [...] No Estado estético, todos – mesmo o que é instrumento servil – são cidadãos livres que têm os mesmos direitos que o mais nobre, e o entendimento, que submete violentamente a massa dócil a seus fins, tem aqui de pedir-lhe o assentimento. (SCHILLER, 2017, p. 135)

Portanto, as belas-artes, como eram chamadas no século XVIII, e o que chamamos de arte hoje, diferentemente do que se pensa, não é contingente para a vida, não é uma opção, é uma necessidade, é a condição de possibilidade para viver livre e feliz.

### **Referências bibliográficas**

- BARBOSA, R. *Schiller & a cultura estética*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004 (Filosofia Passo-a-passo).
- BARBOSA, R. “A especificidade do estético e a razão prática em Schiller”. *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, n. 112, p. 229-242, 2005.
- BAROSA, R. “As três naturezas: Schiller e a criação artística.” *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 29, p. 201-214, 2011.
- BARBOSA, R. *Limites do belo: estudos sobre a estética de Friedrich Schiller*. Belo Horizonte: Editora Relicário, 2015.
- CARCHIA, G.; D’ÂNGELO, P. *Dicionário de Estética*. Tradução: Abílio Queiros; José Serra. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.
- HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Tradução: Luiz Sérgio Repa; Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MOTA, V. “Rancièr e a consubstancialidade da política à arte no regime estético”. In: PRIMO, M.; SILVA, S.; MOTA, V. (Orgs.). *Ética e filosofia política*. São Paulo: República do Livro, 2020. p. 153-171.
- RIOUT, Denys. Éducation. In: SOURIAU, Étienne. *Vocabulaire d’esthétique*. Paris: PUF, 2010. p. 667-668.

SCHILLER, F. *Cultura estética e liberdade*. Organização e tradução: Ricardo Barbosa. São Paulo: Editora Hedra, 2014

SCHILLER, F. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki; introdução e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1989. – [10. Reimpressão, 2017] (Biblioteca Pólen)

SENNA, Sabrina. “Schiller: a relação entre arte e Estado nas cartas de educação estética”. *Revista Aurora*, São Paulo, v. 10, n. 28, p. 163-176, 2017.

SOUZA, S. “Cultura estética em Friedrich Schiller”. *Revista Kínesis*, São Paulo, vol. 10, n 25, p. 25-39, 2018.